



ARRISCANDO A PALAVRA: VIEIRA, DOS SERMÕES À HISTÓRIA DO FUTURO

Risking the Word: Vieira, from the Sermons to the History of the Future

Maria A. R. Abrão *

RESUMO: Arriscar a palavra no púlpito, na própria vida, na obra de uma vida. Em Vieira, dos Sermões à História do Futuro, a palavra faz um caminho. Para além de artifícios da retórica, para além de conveniências político-religiosas, ele coloca as bases da ação como resposta à palavra de Deus e em fidelidade a ela adotando como paradigma a história de Israel. História reveladora da iniciativa de Deus, sempre primeira. Reveladora também dos caminhos e descaminhos da livre resposta humana, da responsabilidade histórica que tal resposta comporta. Ao propor uma leitura do modo de agir de Deus, da sua aliança com a humanidade, Vieira alinha-se perigosamente na fileira dos que incomodam. Lembra a impossibilidade de proteger-se sob o conceito de eleição. A purificação desse conceito, bem como o de 'ser cristão' é inadiável. No entanto, a postura de Vieira não é isenta de problemas teológicos. O risco de sua palavra, que abre a esse debate, indica igualmente ao homem os motivos para esperar, para crer na promessa, chave da leitura do futuro.

PALAVRAS-CHAVE: História, Esperança, Promessa, Fé, Reino.

ABSTRACT: Risking the word in the pulpit, in one's life, in the work of an entire life. According to Vieira, from the Sermons to the History of the Future, the word makes a way for itself. Besides of the rhetoric artifices and the politico-religious conveniences, Vieira establishes the action bases as response to the God's word, and in fidelity to the same by adopting as paradigm the History of Israel, a revealing, and always the first one, History of the God's initiative. A History that also

Maria A. R. Abrão é professora no Departamento de Teologia da Universidade Católica de Pernambuco. Artigo submetido a avaliação em 03.09.2014 e aprovado para publicação em 22.10.2014.

reveals the right paths and the wrong paths of the human response, of the historic responsibility that such a response holds. When Vieira proposes the reading of the way God works, of the alliance of God with the humankind, Vieira dangerously aligns himself with the row of those who make trouble. Vieira reminds the impossibility of sheltering oneself under the concept of election. The purification of this concept, as well as the concept of 'being Christian' is unpostponable. Nevertheless, the Vieira's position is not free from theological issues. The risk of his word that opens this debate equally indicates to the man the reasons for hoping and believing in the promise, the key for reading the future.

KEYWORDS: History, Hope, Promise, Faith, Kingdom.

Introdução

Duas considerações nos levam a discorrer sobre este tema. A primeira é que a palavra está estreitamente relacionada com a pessoa de Vieira. Não uma qualquer. Mas a palavra que funda todas as outras. Um amor reverencial à palavra da Escritura inspira e atravessa toda a sua obra. A segunda é a convicção da fecundidade da palavra em si mesma, para além do gênio que a traz consigo.

Tanto nos Sermões como na História do Futuro, observamos que Vieira tem grande domínio dos textos bíblicos e familiaridade com os mesmos, o que lhe dá desenvoltura ímpar na argumentação e na aplicação de exemplos aos diversos temas. Ao fazer do texto bíblico o eixo para o seu pensamento, ele nos revela por tal escolha o lugar que atribui à mesma palavra. Acompanhá-lo no movimento que constrói o seu discurso é a proposta das reflexões que ora empreendemos.

Evocaremos para isso num primeiro momento alguns trechos de seus Sermões, na impossibilidade de tomá-los na íntegra. Esses extratos têm aqui por objetivo nos introduzir no modo singular da relação de Vieira com a palavra de Deus. A seguir, num segundo tempo, analisaremos como o trabalho dessa palavra, tal como Vieira a percebe, engaja a sua própria vida e o coloca em situações de sofrimentos e de risco, até o desprezo da sua reputação. No entanto, tais situações não são suficientes para afastá-lo do projeto que o habita: produzir uma obra que confirme o seu povo, o povo português, na certeza de que Deus é o Emanuel. Num terceiro momento e último veremos como, dentro de um estilo bastante diferente dos Sermões, ele estabelece a relação com a palavra na sua obra "História do Futuro". Ao término do itinerário estaremos aptos, assim o esperamos, a avaliar a que contribuições suas opções teológico-cristãs conduzem e a que riscos o expõem.

1 A palavra de Deus em excertos dos Sermões

Dentro do assunto que nos ocupa **no primeiro momento**, nada mais propício para entrar neste vasto mundo do que o texto clássico que o próprio Vieira designou o “Prólogo” de seus Sermões (NORONHA, 1998): O Sermão da “Sexagésima”, crítica incisiva à retórica da época (BOSI, 2001)¹:

“E se quisesse Deus que este tão illustre e tão numeroso auditorio sahisse hoje tão desenganado da prègação, como vem enganado com o prègador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.” (VIEIRA, 1951, v. 1, p.1)

O semeador saiu a semear... Prólogo de uma vida.

1.1 Ineficácia da palavra

Estamos em 1655, na Capela Real. Vieira verifica o contraste entre a abundância de meios para anunciar a palavra e a escassez de resultados:

“Nunca na igreja de Deus houve tantas prègações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fructo? Não ha um homem que entre em si e se resolva, não ha um moço que se arrependa, não ha um velho que se desengane, que é isto? Assim como Deus não é hoje menos Omnipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa, do que d’antes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, por que não vemos hoje nenhum fructo da palavra de Deus? Esta tão grande e tão importante duvida, será a matéria do sermão.” (VIEIRA, 1951, v. 1, p. 7).

Qual poderia ser a causa de tal ineficácia se ela não está na diminuição do poder de Deus? Com seus ouvintes, ele buscará a resposta a essa questão. Examina se o pouco fruto da palavra de Deus no mundo procede do pregador, do ouvinte ou do próprio Deus. E verifica o que é necessário para a conversão por meio do sermão em que concorrem o pregador, o ouvinte e Deus respectivamente com a doutrina, com o entendimento, com a graça. A tríade – persuasão, percepção e luz divina – é invocada em vista de discernir o ponto deficiente do processo.

Convicto da fidelidade de Deus que não cessa de enviar o sol e a chuva sobre os maus e os bons, Vieira lembra a prontidão de Deus para alumiar, regar, esquentar. Rápido, na sua argumentação, conclui que a falta de frutos não pode vir de Deus. Duas razões o fazem chegar a esta conclusão:

¹ O fato de, por esta crítica, ter visado a um dos dominicanos não será esquecido mais tarde quando de seu processo, como assinala A. BOSI: “*Havia ainda outros motivos que explicariam a animosidade do Santo Ofício: a antipatia que os dominicanos nutriam pela Companhia de Jesus e, last but not least, a vaidade literária de um de seus pregadores, Frei Domingos de Santo Tomás, ferida pelas setas do nosso orador, que traçara a sua caricatura no Sermão da Sexagésima.*”

a palavra da Escritura — indicando que o “céo não falta” (a chuva e o sol são enviados à semente) — e a palavra da Igreja. “Primeiramente por parte de Deus não falta, nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos”.

O próximo passo toca a análise dos ouvintes. Vieira reconhece que os pregadores inculcam os ouvintes. Traduzindo o desencanto do orador numa versão moderna poder-se-ia dizer: “Fazemos homilias, mas não nos escutam”... “Cansamos de falar ao povo, mas eles não praticam”... “Exortamos sem cessar mas...” Contudo, será que a ineficácia dessa palavra vem dos ouvintes? Vieira constata: a força da palavra divina é tanta que pode, no mínimo, nascer entre pedras e espinhos. Apostando na força da palavra divina e isentando tanto Deus quanto os ouvintes, ele interroga uma vez mais e reflete que mesmo entre pedras e espinhos — os piores ouvintes da palavra — esta chega a nascer. Mas o fato de nem chegar a germinar instiga nosso pregador a prosseguir:

“... supposto que o fructo e effeitos da palavra de Deus, não fica, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por consequência clara que fica por parte do prègador. E assim é. Sabeis, christãos, por que não faz fructo a palavra de Deus? Por culpa dos prègadores. Sabeis, prègadores, porque não faz fructo a palavra de Deus? Por culpa nossa.” (VIEIRA, 1951, v. 1, p. 11)

E sua análise vai passar em revista a pessoa do pregador, o seu estilo, a matéria que utiliza, a ciência que possui, a voz com que fala.

Mesmo que as considerações que precedem a conclusão não sejam a “causa” principal procurada por Vieira, elas nos deixam entrever algumas críticas no que concerne à vida do pregador, à limpidez ou à clareza do estilo que utiliza, à definição de um só assunto, à ciência ou à voz do pregador. Curiosas aproximações com os nossos tempos... Permitimo-nos citar algumas...

Quanto à pessoa do pregador, Vieira afirma a insuficiência de condições:

“Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as acções, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidaes que é? É o conceito que de sua vida têm os ouvintes. Antigamente convertia-se o mundo, hoje por que se não converte ninguém? Porque hoje prègam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiros sem bala.” (VIEIRA, 1951, v. 1, p. 12)

Quanto ao estilo: O púlpito, lugar cultural da pregação, converte-se em espaço que anuncia a eloquência da vida, lida nas entrelinhas do discurso. Ao mesmo tempo, isso não dispensará a objetividade do estilo: “Como hão-de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distintas e muito claras. Assim há-de ser o estylo da pregação” (VIEIRA, 1951, v. 1, p. 17).

Quanto à matéria: Concentrar-se num só assunto: “assim há-de ser o sermão: há-de ter raízes fortes e solidas, porque há-de ter um só assumpto e tratar uma só matéria” (VIEIRA, 1951, v. 1, p. 20).

De certa forma Vieira trai a “classe” denunciando-a. Como querer que a palavra anunciada produza frutos quando a vida de quem a anuncia é “uma apologia contra a doutrina?... se os ouvintes escutam uma coisa e veem outra, como podem converter-se?” (VIEIRA, 1951, v. 1 p. 15). Negação das palavras pelas obras: obstáculo para a “metanoia”. Sua argumentação para um cristianismo verdadeiro não se funda apenas nos descompassos entre a palavra e a ação, mas na oposição entre as duas.

No entanto a sua conclusão responde à pergunta: “Por que se faz, hoje, tão pouco fructo com tantas pregações? É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus (...). Prègam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus (...)” (VIEIRA, 1951, v. 1, p. 27). Utilizar as palavras de Deus para fazê-las dizer o que quer o pregador visando à aprovação dos auditores é continuar com os critérios do mundo.

1.2 A relação pregador-ouvinte

Ao fazer a leitura deste Sermão observamos que se opera um deslocamento progressivo. Vieira procede primeiramente a um descentramento da pessoa do orador. Começa relativizando aquele que prega. E prossegue para chegar a dizer que a resposta à questão central de seu discurso exige um deslocamento da palavra. O pregador deve passar de sua palavra à palavra de Deus: movimento talvez decepcionante para os ouvintes que esperam a beleza da palavra. Ao relativizar aquele que prega, Vieira rejeita – paradoxo de um retórico por excelência – o que se encontra na força da retórica: a capacidade de sedução unicamente pela palavra « humana », se podemos assim dizer. Nessa perspectiva, a vaidade se sobrepõe à palavra e, como aquela que caiu entre os espinhos, é sufocada pelos “cuidados do mundo”, que aqui poderiam se caracterizar pelo cuidado de si mesmo, através da busca dos aplausos dos homens. Por isso não produz fruto. E Vieira acrescenta:

“Prègavam em Coimbra dois famosos prègadores (...). Altercou-se entre alguns doutores da Universidade, qual dos dois fôsse maior prègador, e como não ha juízo sem inclinação, uns dizem este; outros, aquelle. Mas um lente, que entre os mais tinha maior auctoridade concluiu d’esta maneira : entre dois sujeitos tão grandes não me atrevo a interpor juízo ; só direi uma differença, que sempre experimento. Quando oiço um, saio do sermão muito contente do prègador ; quando oiço o outro, saio muito descontente de mim. Com isto tenho acabado” (VIEIRA, 1951, v. 1, p. 34).

Por sua vez, nosso jesuíta recusa-se a dar prioridade ao que os ouvintes dele esperam, pois está em jogo não o prazer, nem o descontentamento

dos que o escutam, mas a verdade da palavra: «...Por outra parte subir ao pulpito e não dizer a verdade, é contra o officio, contra a consciência; principalmente em mim, que tenho dito tantas verdades, e com tanta liberdade, e a tão grandes ouvidos.» (VIEIRA, 1951, v. 3, p. 13)

2. Encarnação da palavra: exigências

Dizer tantas verdades, com tanta liberdade e a tão grandes ouvidos. Entramos aqui no **segundo momento**. Não seria de se estranhar se pensássemos que, como Herodes diante do Batista, seus auditores experimentavam um misto de magia e de incômodo respectivamente pela beleza e pelo caráter radical da palavra que lhes era dirigida. O célebre Sermão de santo Antonio aos peixes (1654), audaciosa crítica à sociedade dos colonos do Maranhão, testemunha o seu pensar sobre a situação. Com a convicção de que para a festa dos santos « vale mais pregar com eles que sobre eles », Vieira se dirige aos peixes, a exemplo do santo do dia – santo Antonio. Partindo do texto do Evangelho: « Vós sois o sal da terra », ele usa a matéria de seu sermão para denunciar a corrupção e pedir que os homens cessem de se devorar mutuamente. Sua leitura ética da situação o leva a descrever o contexto social em termos de antropofagia.

2.1 Prática da justiça

Um dos aspectos desse contexto e um dos pilares da estratégia da colonização do Brasil por Portugal, com o qual ele não se resignava, era a escravidão. Com veemência exorta os cristãos a escutarem o que Deus lhes pede nesta situação precisa:

Sabeis, christãos, sabeis nobreza e povo do Maranhão, qual é o jejum que quer Deus de vós esta Quaresma? Que solteis as ataduras da injustiça, e que deixeis ir livres os que tendes captivos e opprimidos. Estes são os peccados do Maranhão: estes são os que Deus me manda que vos anuncie: Annuntia populo meo scelera eorum. Christãos, Deus me manda desenganar-vos e eu vos desengano da parte de Deus. Todos estaes em peccado mortal... (VIEIRA, 1951, v. 3, p. 14).

Assim, não se contenta em denunciar à nobreza e ao povo a injustiça cometida, mas se posiciona como portador da palavra e, enquanto enviado de Deus, situa-se não somente no plano ético ao denunciar as transgressões, mas também no teológico ao anunciar as consequências soteriológicas das decisões humanas.

Era na contracorrente que prosseguia sua luta. A força destrutiva das injustiças continuará a se manifestar. Os colonos não vão poupar de sua fúria Vieira e os Padres da Companhia de Jesus. Lembremos que em 1661, os

habitantes do Maranhão e do Pará se voltam contra os jesuítas, e Antônio Vieira parte para Lisboa contra sua vontade.

A perseguição será uma constante neste combate. Ele se dirigirá ao próprio rei em uma carta datada de 8 de dezembro de 1655 na qual exprime seu espanto de ser perseguido, não pelos « pagãos », mas por aqueles que se apresentam como cristãos. (VIEIRA, 1925, p. 452-455)

Tais afrontamentos e contrariedades o levam a reconhecer que o trabalho junto aos portugueses é tão necessário quanto importante. Este trabalho consiste na evangelização dos cristãos de todas as condições sociais.

Entre os atores, convoca e exorta o rei em pessoa, chamando-o à responsabilidade não apenas diante da sociedade, mas diante de Deus. Definitivamente, é diante de Deus que tudo se passa e este não é indiferente às injustiças engendradas pelos homens (VIEIRA, 1925, p. 464-468).

Em sua carta de 20 de maio de 1653, Vieira faz ao rei Dom João IV um relatório da situação e da condição de vida nas quais se encontram os portugueses e sobretudo os índios no Brasil. Descreve a grande necessidade espiritual de uns e de outros, denuncia os maus-tratos dispensados aos índios que, segundo ele, sofrem mais que os escravos negros (VIEIRA, 1925, p. 306-315).

Plenamente convencido da injustiça que pesa sobre os índios, ousa lembrar que a autoridade do rei não é absoluta. É o Rei Eterno que está acima do temporal. A autoridade deste é submissa à do próprio Deus:

Se el-rei permitir que eu jure falso, deixará o juramento de ser peccado? Se el-rei permitir que eu furte, deixará o furto de ser peccado? O mesmo passa nos Índios. El-rei poderá mandar que os captivos sejam livres; mas que os livres sejam captivos, não chega lá sua jurisdição (VIEIRA, 1951, v. III, p. 23).

Em sua carta de 22 de maio de 1653 ao provincial do Brasil, expressa seu esforço para lutar contra tamanha escravidão. Aproveita-se do sermão dominical cujo tema era o das tentações de Jesus. Diante do relato evangélico, ele o analisa identificando nestas tentações uma oferta, um conselho, um pedido. É na terceira tentação que identifica um pedido, o qual desenvolverá em seu discurso. Para justificar seu posicionamento, afirma que a terceira tentação é a mais universal e a mais poderosa. Tudo se passará segundo o preço que Cristo pagou para resgatar cada alma e o preço que o homem paga para vender a sua. Quais são as seduções do demônio no Estado do Maranhão? Como ele propõe esta troca? Como o homem do Maranhão se situa frente ao aprisionamento injusto?

Preguei na seguinte domingo, que era a das Tentações, e, tomando por fundamento o *Haec omnia tibi dabo*, que era a terceira, mostrei primeiramente, com a maior eficácia que pude, como uma alma vale mais do que todos os reinos do mundo e depois de bem assentado este ponto, passei a desenganar com a maior clareza os homens do Maranhão, mostrando-lhes com a mesma que

todos estavam geralmente em estado de condenação, pelos cativéis injustos dos índios; e que, enquanto este habitual pecado se não remediasse, todas as almas dos portugueses deste Estado iam e haviam de ir para o inferno. Propus finalmente o remédio, que veio a ser em substância as mesmas resoluções da nossa resposta, mais declaradas e mais persuadidas, facilitando a execução e encarecendo a conveniência delas; e acabei prometendo grandes bênçãos de Deus e felicidades, ainda temporais, aos que, por serviço do mesmo Senhor e por salvar a alma, lhe sacrificassem esses interesses (VIEIRA, 1925, v. 1, p. 338).

Através do evangelho sobre as Tentações, a exortação de Vieira a renunciar aos interesses desmesurados abre a questão sobre o lugar social e a visibilidade dos papéis na sociedade: “Quem nos ha-de ir buscar um pote de agua, ou um feixe de lenha? Quem nos ha-de de fazer duas covas de mandioca? Hão-de ir nossas mulheres? Hão-de ir nossos filhos?(...)” (VIEIRA, 1925, v. 1, p. 18).

2.2 Reconhecimento da dignidade humana

Incluir a questão social na teológica não é, para Vieira, um acréscimo que enriqueceria ou ilustraria a palavra pronunciada. A relação de poder arrasta e conduz à reflexão sobre o amor de si mesmo primando sobre a vida e a liberdade do outro. Ele sustentará nesse mesmo Sermão, que vale mais ganhar a vida com o próprio suor do que com o sangue dos outros. O mesmo tema é retomado em uma de suas Cartas em que ele remete a este sermão para reafirmar que «uma alma vale mais do que todos os reinos do mundo» (VIEIRA, 1925, v. 1, p. 338). Convida assim o povo do Maranhão a um reconhecimento e os convoca a uma conversão. Conversão esta que passa pela humanização de suas relações e reconhece os índios como filhos de Deus.

Quase um ano depois, em outra carta ao provincial do Brasil, Vieira deixa transparecer uma vez mais seu sofrimento interior frente à distância que existe entre o que sente ser o dever dos Padres para com os índios, e o modo como efetivamente os tratam.

Confesso a Vossa Rev.a que fôra um exercício de grande consolação andar correndo e visitando estas pobres choupanas, se juntamente se não ouviram as lástimas e queixas dos índios, que como eles não têm outrem que se condôa de seus trabalhos, e acuda de alguma maneira por eles, senão os padres da Companhia, em nós descarregam todas suas lástimas, e é um grande género de tormento ouvi-las e conhecê-las, e alcançar ainda melhor que eles a muita razão que têm, e lhes não podermos ser bons (VIEIRA, 1925, v. 1, p. 389-390).

Nessa confissão, a expressão “de não poder ser bons para eles” testemunha sua a consciência aguda da duplicidade existente nas relações com a população indígena, sem todavia expressar melhor as causas desta impotência.

Quase indiferente aos seus opositores, Vieira continua seu caminho. Conhece por dentro Portugal e o Brasil. Este conhecimento lhe traz muito sofrimento. Sobretudo no que diz respeito à situação da escravidão. Percebe melhor as injustiças que estão na base da política de colonização. E as denuncia diante do rei, dos governadores, administradores locais, índios, escravos. Mesmo diante da Igreja, pois também ela é responsável por esta situação. Era preciso enviar mais missionários que aliassem boa doutrina e santidade de vida. Vieira está dolorosamente consciente de que há um descompasso entre palavra e ação. Em suas cartas este tema voltará quando reclama da qualidade dos missionários enviados à Colônia.

2.3 Fidelidade ao evangelho

Neste cenário, quem é Vieira para o Novo Mundo? *Paiçu*. Pai Grande. Assim os índios estavam acostumados a chamá-lo (CIDADE, 1959, p. 428).

Ressaltamos por enquanto, para além de todo aparato retórico, seu entusiasmo por uma encarnação da palavra de Deus. A tal ponto que todas as realidades são convocadas a uma transfiguração à luz desta mesma palavra. Eis por que, seguindo o ritmo do tempo litúrgico, tudo se torna assunto a ser tratado em “cátedra”. E ele dirige suas palavras, como já dissemos, ora aos reis e nobres (VIEIRA, 1951, v. 1, p. 1-36), ora aos que têm de tomar decisões políticas e econômicas e que as fazem pesar sobre o povo (VIEIRA, 1951, v. 7, p. 157-161), ora aos escravos negros (VIEIRA, 1951, v. 11, p. 296) ou para defender os escravos indígenas (NORONHA, 1950, p. 124-151), ora às autoridades eclesiais (VIEIRA, 1951, v. 1, p. 48-50).

Reafirmamos nosso objetivo de não proceder aqui a uma análise dos Sermões. Tomando alguns de seus excertos, queremos sublinhar que Vieira não se subtrai à Palavra a ele confiada. Esta é uma preocupação contínua de nosso autor. De algum modo seria também por isso que Vieira resistia tanto em trabalhar na publicação de seus Sermões? Suas obras chamadas proféticas às quais ele atribuía grande importância, despojadas do estilo dos Sermões, seriam mais transparentes à eficácia e à força da palavra de Deus? Sem a beleza da retórica dos Sermões dariam o verdadeiro sentido desta palavra? Seja como for, sua decisão fundamental — agradar a Deus e não aos homens — marcará sua trajetória de modo quase dramático. Correr o risco, mas correr o mesmo risco que a palavra.

De fato. Acusado de heresia, Antônio Vieira começará um longo debate com a Inquisição portuguesa. Tentará demonstrar que sua fé é profundamente enraizada na fé da Igreja de seu tempo. Malgrado seus esforços, no fim do processo, é preso durante dois anos.

Em que sua convicção e sua fé em um Deus que trabalha sempre, incansavelmente implicado nas coisas humanas, podem causar problema? Para quem seriam elas uma ameaça? Ele tem pressa e sede do dia em que Deus

se manifestará. Sua vinda tudo transformará e outra ordem temporal será instaurada.

Está convicto de que a obra de Deus concerne à humanidade. Cada realidade traduz para ele o caminho de sua promessa e indica as vias de seu cumprimento. Ela se encarna na carne dos homens. É por isso que ele a confronta com a palavra das Escrituras. Tudo o que atinge o homem, atinge Deus.

Sua releitura do compromisso entre Deus e o homem não está isenta de problemas. Os conflitos de interpretação associados a um procedimento não muito transparente por parte da Inquisição vão se agravar sensivelmente a partir de 1663. Vieira será então intimado a comparecer diante do Tribunal e a prestar contas das acusações feitas contra ele.

No face a face com o Tribunal, tentará provar sua obediência à fé da Igreja. Assaltado de um lado pela doença, de outro pelas exigências dos inquisidores, sofrerá o processo que se estenderá até 1667, quando finalmente é pronunciada uma sentença que condena as ideias que ele supostamente propagaria.

Um livro que será um compêndio de sua posição sobre todas essas matérias está sendo preparado. Ele o intitula « História do Futuro». Por meio dele far-se-á escutar nas respostas e questões que o habitam?

As adversidades não o confundiram. Depois de tudo, e também graças ao perdão que lhe fora concedido em 1668, volta ao campo de seus combates.

3. Expor a existência ao risco da palavra

No conjunto da História do Futuro, — e aqui começamos o nosso **terceiro momento** — Vieira arrisca-se numa leitura em que as Sagradas Escrituras e a realidade que o homem vive se iluminem reciprocamente, permitindo-lhe sempre um novo olhar hermenêutico. Deus está presente no coração dos mais concretos acontecimentos. A perda e a conquista da soberania de Portugal não são circunstâncias insignificantes. Tanto na submissão à Espanha quanto na restauração do Reino, o plano de Deus continua a se realizar. Se os caminhos são diversos, o plano consentido por Deus através de « seus ocultos juízos» (VIEIRA, 1976, p. 131) é o mesmo. Sua leitura e sua ação entreveem como um elemento de unificação a esperança da vinda do Reino de Cristo.

Vieira tem a aguda consciência de que algo mais além dos Sermões deve ser dito. Está em busca de um cristianismo que seja eco e resposta à palavra e onde a identidade do homem não seja simplesmente reduzida à sua ascendência, mas esteja intrinsecamente ligada à qualidade da unidade entre discurso e ação.

Seria o conjunto das obras proféticas de Vieira, despojado do estilo dos Sermões, mais transparente à força da palavra da qual Vieira se acreditava servidor?

3.1 Pensar a relação entre história e palavra

O status da palavra nos Sermões parece distinto daquele que possui na “História do Futuro”. Daí alguns elementos comuns em discursos pronunciados em contextos tão diversos: a palavra pronunciada no ato litúrgico faz da liturgia provocação a um ato; a palavra pronunciada na História do Futuro quer fazer uma teologia da história.

A referência à história de Israel que atravessa toda a História do Futuro é necessária para Vieira, porque paradigmática. Evocar essa história e tentar compreendê-la e interpretá-la não é para ele apenas um exercício de exegese. É a leitura de uma única história: a da ação de Deus e a da humanidade.

Nela o homem é provocado à fé. Poderíamos dizer que a primeira recom-pensa da fé é a fé. Vieira mostra-se bastante rigoroso quando se trata da ingratidão ou da falta de fé do homem em relação a Deus (VIEIRA, 1976, p. 96). Busca seu argumento em santo Agostinho. Como duvidar daquele que já cumpriu uma parte das promessas? Como não confiar nele para o pleno cumprimento de sua palavra? A incredulidade é, pois, não fundada, indesculpável.

Deus se deu a conhecer, assim como a sua vontade, pelas Escrituras, pelas visões das profecias (VIEIRA, 1992, p. 267). Vieira toma o tempo de ver como Deus se revelou pelos Profetas. Estes serão para ele um lugar teoló-gico decisivo de reconhecimento da ação histórica de Deus. É a experiência singular da palavra que se manifesta numa vivência, com tal força que propulsa o profeta a ser intérprete de Deus. O profeta olha na história a profunda infidelidade a Deus e à aliança, os atos coletivos de idolatria, a iniquidade das autoridades, os pactos com os países estrangeiros. Interpela a prática do povo, das autoridades, dos juízes, dos maus “pastores”, dos falsos profetas. É por isso que lembrará o povo e seus dirigentes que Deus é o Emanuel, o libertador, aquele que defende o direito dos oprimidos, um Deus ciumento que exige fidelidade absoluta: ele é Deus e não Baal. A conversão é assim o eixo de seu discurso. O questionamento da infi-delidade reaviva a fé em Deus, afirma o fato de que Deus se revela na e pela história, garantindo a aliança que fez com o seu povo. Mas não é apenas a dimensão pessoal do apelo à conversão que aí é visada. É rea-firmado também o aspecto ético da relação entre Israel e seu Deus, pois a fé de Israel é chamada a ir além do culto. Sob este aspecto Vieira será particularmente atento ao longo de sua obra.

Como todo ser humano, o cristão não está apto a dominar todas as con-tingências que a ele se apresentam. Mas traz em si a promessa de Deus. E

esta, sem suprimir os verdadeiros riscos históricos, assinala que, no coração de todo combate humano, Deus sem deixar de estar ao lado do homem, o precede. Aquele que crê o sabe: no futuro, é Deus quem o espera. O futuro torna-se assim lugar da fé, da esperança e ao mesmo tempo da certeza da realização das promessas, pois Deus não falta com a sua palavra. Deus é a promessa. Não é estranho que Vieira evoque o Êxodo como modelo da história de seu povo, ou Daniel para mostrar a sucessão das monarquias. De certo modo, é o universalismo da salvação, a realidade escatológica que faz com que ele desmistifique o futuro. Este não pertence a nenhuma especulação das ciências «ocultas», mas é lugar e espaço da história de Deus com seu povo. Na História do Futuro, é possível ler sua tentativa de discernir o porvir humano na história sagrada, segundo a qual o futuro do homem está definitivamente ligado ao futuro do Cristo. Daí se segue que o Reino do Cristo é igualmente o Reino do Cristo e dos cristãos.

Se o futuro do homem está associado à história sagrada, ele se associa igualmente à aliança e, portanto, é interpelado a acolher e perscrutar a palavra dos profetas. Apegados à aliança mais do que ninguém, os profetas falam em nome daquele que teve a iniciativa de se ligar ao seu povo. A palavra dos profetas se insere então em um movimento de referência contínua a esta aliança que não poupa os homens das provações. Ao contrário. A palavra que nela é anunciada o exporá ainda mais, porém traz em si a promessa que não decepciona. Ao qualificar a aliança como “uma instituição surpreendente”, P. Beauchamp observa que “feita para a estabilidade, ela se apoia no movimento » (BEAUCHAMP, 1976, p. 82). Nos movimentos da história, o profeta é também aquele que a discerne, sempre em busca da palavra que o possui, mas que não é propriedade de ninguém. É, então, constitutivo do ministério profético, o ato de fazer memória da palavra que Deus deu a seu povo, de anunciá-la como irrevogável, de denunciar os desvios de toda e qualquer ordem, de estar vigilante contra a infidelidade e a profanação do nome do Senhor, de consolar nas provações, de interceder, de romper qualquer forma de mutismo.

Se o único compromisso do profeta é a relação com aquele que o enviou – de onde vem sua autonomia mesmo frente aos poderosos deste mundo –, é possível que o profeta deixe às vezes a impressão de uma obra ou palavra inacabada, pois não executa um projeto por ele concebido e calculado com antecedência, mas segue a palavra que o colocou em movimento. Esta é desconcertante e surpreendente para seus auditores, mas também para o próprio enviado.

Nele, esta palavra traz em si uma força que convoca o auditor a passar ao papel de ator:

O ato profético não está no que é enunciado, mas no choque do fato de enunciar que chama a uns e rejeita outros: a palavra é um julgamento entre profeta e profeta, entre ouvinte e ouvinte. O profeta de algum modo obriga os que

o escutam a profetizar por conta própria, e às vezes na noite (BEAUCHAMP, 1976, p. 100).

Ao remeter o homem a si mesmo, no sentido de que a palavra do profeta quase que obriga a uma saída da indiferença e provoca o encontro de cada um com aquele que o enviou, o que se manifesta é a dimensão e a força do julgamento assim como a qualidade da escuta daquele a quem esta palavra é dirigida.

O itinerário da pregação evangélica é atravessado pelo anúncio da realização da palavra pelos profetas. É um testemunho que, pelo próprio mistério do que anuncia, abre o homem ao encontro que, logo após, fará também dele uma testemunha. Daí uma tensão sempre latente entre presente e futuro, promessa e cumprimento, reino de Deus e realidade humana.

A relação com as Escrituras mostrou-se essencial para Vieira, por serem a principal fonte (VIEIRA, 1976, p. 155), a parte maior do terreno sobre o qual construiu seu projeto. Dessa maneira, a contínua referência às Escrituras, a fidelidade e o apego à palavra de Deus aí manifestados, supõem não apenas um leitor familiarizado com estes textos, mas também a cumplicidade da fé. Sem isso, o leitor permanece fora do universo teológico de Vieira.

Vieira faz uma justa avaliação ao reconhecer que a palavra profética é um dom que só Deus pode dar a quem ele quer, conforme o mistério de sua vontade, de tal modo que outros possam disso se beneficiar (VIEIRA, 1976, p. 154). É dom pessoal, mas enriquece e amplia a compreensão da comunidade humana. Entretanto, um trabalho é requerido para que a profecia seja identificada, reconhecida, realizada. Para ele, a profecia é para ser conjugada com tudo o que a razão pode conhecer. Assim, ela se faz ajudar pela luz da razão. A escuta que ele tem da Escritura não é, pois, desprovida de instância crítica.

A recapitulação da história de Deus com seu povo, principalmente a evocação do Êxodo, faz ressaltar não apenas uma história de libertação, mas a atualidade da promessa. Todos são envolvidos neste movimento de promessa e cumprimento. A promessa dá a chave do futuro, não em termos de adivinhação e magia (VIEIRA, 1976, p. 69), mas de orientação do olhar para o que é o cumprimento de toda a existência. Está claro para Vieira que nenhum acordo com os grandes deste mundo é possível quando está em jogo a fidelidade à palavra recebida.

Ele valoriza o que a Bíblia apresenta fundamentalmente: o Deus da aliança, o Deus da promessa. A experiência desse Deus está ligada à criação de um povo livre que se reconhece como povo de Deus. Parece bastante próximo da tradição bíblica em que Deus não é o grande ausente, mas presente em tudo o que vivem os homens. O Reino é, na sua obra, uma realidade em movimento e que coloca em movimento.

Quaisquer que sejam as circunstâncias, Deus cumprirá todas as esperanças que nutrirá com suas promessas. Quanto mais a experiência é contrária às expectativas, tanto mais a esperança na promessa parece ser avivada. Como explicar que Vieira não se decepcione diante da não realização de suas esperanças às vezes tão concretamente esperadas? Talvez um elemento de resposta fosse precisamente o fato de acentuar o sujeito da promessa: Deus. Isso poderia explicar, ao menos em parte, sua esperança inabalável. Há da parte de Deus o castigo pelas infidelidades do povo, mas há também a mudança do castigo em bênção.

3.2 A teologia da história: convicções e dificuldades do pensamento de Vieira

O percurso do cristão adquire tons particulares: ele é chamado a conhecer as promessas interiormente, a escutar as profecias, a levar uma vida em consequência com a palavra escutada. Mas não se trata de transpor ou de aplicar modelos bíblicos como uma repetição. O cristão é chamado a ousar o novo nas situações que são também novas. Passo a passo, um elemento após outro pode encontrar sua significação e seu lugar na leitura de Vieira. Mas pelo simples fato de mudar de interlocutores e de fazer valer a profecia ou o relato em seu hoje, provoca o auditor a encontrar, orientado pelo Espírito, uma nova saída. Como afirmar então a audácia do novo? No seu entendimento, ela é imperativa nas respostas criativas que as realidades pedem ao homem.

A História do Futuro não é um projeto conformista, mas um manifesto proclamando a força da promessa de Deus. Esta faz a história e é instância crítica da história e de toda a realidade. É também aquela que afiança a experiência dos que creem (MOLTMANN, 1978, p. 176-177).

Permitindo fazer a experiência do Deus vivo, a fé é para Vieira o princípio unificador de tudo e, ao mesmo tempo, a raiz do desassossego de seu ser. A propósito, vale ressaltar que:

... a fé, por todo lado onde se estenda em esperança, não traz o repouso, mas a inquietação; não torna paciente, mas impaciente (...). Quem espera em Cristo não pode mais se acomodar com uma dada realidade, mas começa a sofrer por causa dela, a contradizê-la (MOLTMANN, 1978, p. 18).

Com efeito, para Vieira, a fé não possui nenhuma semelhança com uma ideia abstrata, mas inscreve-se na convicção de que Deus é a Vida, é a fonte de toda vida. A fé é sempre um processo: é escatológica, na medida em que é completamente orientada para o último. Crer é já o início da vida eterna. A fé é desde agora aquela que indica a realidade definitiva.

Eis um traço essencial do projeto de Vieira: na dinâmica cristã, a fé não é algo adquirido, mesmo em um mundo que se pretende cristão. Ela deve também se afirmar como esperança, renunciando a toda ditadura

do presente. Ele rompe com uma relação passiva com o futuro. A fé é orientada para a ação, tendo como eixo Deus e sua promessa. Deus que não está atrás do homem, mas ao seu lado e diante dele. O futuro do homem e do mundo não é dado pelo próprio mundo, mas por Deus. A este é reservada “a última palavra ou a palavra do fim da história” (XHAUFFLAIRE, 1972, p. 35).

Como estar seguro do cumprimento das promessas de Deus? Comentando Paulo, Moltmann sustenta que esta afirmação é possível porque Deus ressuscitou o Cristo de entre os mortos. Está aí o eixo e a manifestação da fidelidade de Deus. Uma fidelidade que subsiste à prova do tempo.

Subjacente ao desenrolar do discurso de Vieira, a lógica da eleição está bem presente. Ele tinha a convicção da eleição de Portugal por Deus. A história de Portugal é indissociável da promessa de Deus. Seu país seria o instrumento escolhido para que a instauração do Reino de Cristo sobre a terra se tornasse realidade. Mas esta eleição não é apenas tomada em seu aspecto passivo, o de uma escolha. É considerada em sua dimensão ativa, isto é, a da resposta dos seres livres escolhidos. É importante lembrar o que já tivemos ocasião de perceber em seu projeto: a eleição está estreitamente ligada à conversão e comporta exigências espirituais e éticas que derivam da adesão consciente e livre ao projeto divino. Atravessada por suas exigências, a eleição é despojada de conotações mágicas e convida a uma resposta renovada, assim como a uma constante vigilância.

Entretanto, a insistência sobre a escolha de Portugal faz entrever alguns problemas teológicos. É bem uma pessoa e uma nação que Vieira vê como os agentes maiores nesse caminho para a instauração do Reino do Cristo. Reino de Cristo que para ele se identifica com o Império de Cristo e dos cristãos constituindo o chamado Quinto Império, uma das convicções de seu projeto: é a Portugal que cabe, na terra, a missão de torná-lo concreto. Essa instauração implica uma dimensão ao mesmo tempo individual e coletiva.

A ideia de eleição tal como aparece no projeto pode comportar, de um lado uma falsa segurança, e de outro a ideia de uma exclusão.

No decorrer da História do Futuro, Portugal era invocado, a exemplo de Israel, como o povo eleito. Uma eleição que não diminui em nada as exigências de uma ação em conformidade com a fé. No entanto, é a Portugal que cabe, na terra, a missão de torná-lo concreto. No plano teológico, o que levou Vieira à convicção da instauração do Quinto Império?

Se substituir Israel por Portugal pode causar espanto e sugerir uma vez mais a superioridade de um povo sobre outro, vale a pena avaliar o alcance teológico dessa opção. Desde o AT, é Deus o agente da eleição, da qual se reserva toda iniciativa. A interpretação cristológica da eleição nos escritos paulinos situa-se numa dimensão protológica. Em virtude desta dimensão, a escolha contrasta com a ideia de exclusão na medida em que a eleição

tem sua gênese na criação. Como articular desígnio de salvação universal e a “parcialidade” manifestada numa escolha? Qual é a finalidade da eleição senão a de tornar visível a salvação de Deus para a humanidade?

Analisando esta marcada preferência de Deus por Portugal, que Vieira insiste em sublinhar, podemos encontrar um vestígio do que desde o AT, os profetas não cessam de anunciar. É preciso partir do fato de que a noção bíblica de justiça pode parecer desencorajadora. Deus não tem nada em comum com Themis. Para o homem bíblico, Deus não é neutro e indiferente, mas decididamente toma o partido das pessoas sem apoio e sem recurso. Podemos emitir a hipótese de que Vieira se serve sem hesitar deste argumento colocando Deus ao lado daquele que vai resgatar Portugal de tudo o que constituiu sua impotência e sua vergonha entre os povos.

A lógica do crer é elemento indispensável de sua teologia da história. Sem o pressuposto da fé, a História do Futuro, tal como a conhecemos, não existiria. Uma fé que não é simplesmente assentimento intelectual a uma verdade, mas interpelação para que a vida seja ordenada em coerência com ela. A vida e a experiência humana em sua dimensão pessoal, mas também social e política, são para Vieira estruturadas e regidas pela vontade de Deus. Sua vontade não é outra senão a de salvar a humanidade, submetê-la ao Reino do Cristo e instaurar a paz definitiva sobre a terra. Mas se a salvação já fora definitivamente acabada por Cristo, Senhor Universal, o que espera Vieira? Seu projeto nos leva a ver o desejo de poder viver dos frutos dessa salvação. Os frutos não seriam esperados apenas para um além. É ainda em vida que o homem é convidado a entrar no gozo desses bens. Para Vieira, a inteligibilidade da história só é possível à luz do discernimento dessa vontade.

Diante de tal abordagem, como não notar a escassez do termo “pecado”? Embora praticamente não se encontre em sua História, nem por isso a sua realidade está ausente. Ao contrário, aparece com toda a sua força, mesmo que ele não desenvolva o tema de modo sistemático e direto, mas o trate sob a forma de idolatria, de infidelidade, de recusa em dar a Deus a glória que a ele pertence. Vieira questiona esta falta de lucidez do homem em não reconhecer que não respondera ao amor de Deus. O homem em sua liberdade, pode assim interromper mais ou menos abruptamente o diálogo com a graça. O pecado, fruto do poder capaz de entravar a liberdade, é assim abordado em sua dimensão pessoal, e igualmente em sua dimensão social e comunitária. Este tratamento do tema revela bem a opção feita desde o início: ser um leitor atento dos profetas. Ele ressalta a essência antropológica do pecado, isto é, a autoafirmação do poder do homem que se estimula a utilizar seu poder para se levantar contra Deus e oprimir o homem. O pecado é o verme destruidor da comunidade dos que creem e da vida social, na medida em que alimenta incansavelmente a dominação dos povos por uma falsa lógica de superioridade.

Na mesma linha, a esperança se define num campo mais vasto. Não é estritamente compreendida como reservada para outra vida. A esperança, que desde agora quer habitar os corações dos que creem, quer esperar agora. Pois se apoia e repousa sobre a promessa.

Vieira passa rapidamente da promessa de Deus a um cumprimento que crê iminente e que ocorreria ainda no decorrer do século XVII. Uma impaciência que parece precipitar a justiça e o domínio visível e palpável do Cristo sobre toda a realidade. Sempre esperando este futuro, Vieira não se separa da história que está se desenrolando. Esta articulação é fundamental para compreender a proposta de sua história. Nela, o desenvolvimento cristológico é fortemente impregnado pelo conceito de reino. Ao lado deste conceito e ligado a ele, vemos também o desenvolvimento da soberania e do domínio de Cristo.

Na teologia da história de Vieira, essa noção é fundamental. Antes de tudo, Jesus Cristo é Rei. O batismo de Jesus já fazia ressaltar a unção profética e real. Mas como conceber sua realeza? Sua vida se encarregará de mostrá-lo. No anúncio da proximidade do reino, feito por Jesus, é importante considerar a revelação que ele faz de Deus como seu Pai, um Pai que se preocupa com os mínimos detalhes cotidianos da vida de seus filhos (KASPER, 1976, p. 113). Esta relação é determinante no entendimento dessa noção.

Manifestando que não ignora a unção profética e real do Cristo, pois fala disso, Vieira tratará de pensar esta unção no sentido de uma vitória triunfal sobre o mal no mundo. Como já o sublinhamos, características do exercício do reino estão aí presentes. Como herdeiros com o Cristo, os cristãos dele tomarão parte. A soberania absoluta do Cristo sobre toda criatura é reafirmada e é um conceito chave para entender a instauração de seu reino.

Tal instauração não é pensada somente no sentido espiritual. Sendo ao mesmo tempo espiritual e temporal, este reino ganha contornos que têm também a marca humana. No ponto de partida de nossa reflexão não é difícil localizar a teologia da encarnação.

Então, não haveria mais distinção clara entre as diferentes esferas? Pode-se declarar a fusão das realidades e uma divinização total? Será que, nestas circunstâncias, existiria ainda o humano? Uma intuição profundamente importante está subjacente no debate sobre o espiritual e o temporal. Ao criar, sustentar e resgatar a humanidade, Deus entra em relação verdadeira e conseqüente com o homem, levando a sério a realidade da carne. Por sua vez, estaria o homem pronto a tomar as medidas deste compromisso? Deixar-se-ia atingir pelos condicionamentos inerentes à sua condição? Deveria abstrair-se de sua carne?

A noção de justiça está em estreita relação com a do reino. A justiça representa um papel fundamental na elaboração da teologia da história de Vieira.

A ausência de um rei plenamente justo projeta esta realização para o tempo da instauração do reinado de Cristo sobre a terra. A espera deve ser uma espera ativa, provocadora, realizando já a forma concreta que assumirá.

A compreensão e o consentimento da fé marcam também a concepção do tempo. É um privilégio viver neste tempo. De elemento que pode marcar o esquecimento, o distanciamento, ele se torna o tempo da graça. Malgrado a recusa do homem a Deus, é no seio do tempo do pecado que se manifesta e se dá a revelação da vida eterna (BALTHASAR, 1970, p. 51). Ao escolher uma presença ininterrupta junto do homem, Deus quis tornar-se seu contemporâneo. Há uma história do futuro que abre o homem à graça que está a se realizar. Doravante o distanciamento cronológico não é mais uma escusa para o cristão que quer se eximir de sua responsabilidade ou de sua falta de apego às promessas. Deus arranca assim o homem da tentação de viver alhures. Nessa perspectiva, o tempo recebe toda a sua densidade teológica.

O reconhecimento do Senhorio de Deus sobre a história é um dos eixos maiores da teologia da história construída por Vieira.

Conclusão

Ao final dos três momentos evocados, podemos reconhecer que todo o edifício de Vieira se constrói sobre a palavra que ora encanta por sua beleza, ora surpreende por seu caráter radical desconcertantemente aplicado à realidade.

Nas pegadas de Deus que arrisca a palavra nos diversos terrenos que são os corações dos homens, Vieira, “o imperador da língua portuguesa” – para falar com Fernando Pessoa – faz-se o humilde súdito de uma palavra que a um tempo ultrapassa, precede, qualifica, purifica, guia a sua própria palavra. Se a obra e a personalidade desse jesuíta marcam o seu tempo, a sua palavra o distingue para muito além do seu tempo. Alcançado pela palavra de Deus, o orador de qualidade excepcional se torna seu cúmplice. Curiosamente o mestre da palavra se perde na palavra de Deus de modo a não poder mais expressar o sentido na ausência dessa mesma palavra. Ela é, em última instância, a responsável pela audácia das ideias e pela tenacidade do combate desse homem pragmático que foi Vieira.

Na História do Futuro ele se refere com frequência tanto ao êxodo como ao exílio. Se o Êxodo foi fundante na história do povo, o Exílio foi decisivo para perceber Deus como o Deus-conosco, o Deus que, para além da memória, é o futuro dos seus.

O Deus do ato litúrgico deve se tornar o Deus da história. O Deus da Bíblia deve se tornar o nosso Deus; caso contrário correremos o risco de o relegar ao passado e viver o presente indiferentes ao futuro.

Vieira estima que é indispensável manter o olhar na promessa de Deus, mesmo quando esta parece estar em nítida contradição com a realidade que ele experimenta. A esperança na promessa não permite que o homem desespere nem de Deus, nem da história, mas o abre para o futuro e de certa maneira “força” a história a sair de tudo o que pode estreitá-la.

Sua maneira de tecer os laços entre suas concepções – fé, promessa, tempo, esperança, reino, história – expressa que a última palavra sobre todo o universo é a palavra de Deus. Esta espécie de síntese escatológica, em Vieira, longe de fechar o diálogo, abre-o sobre uma base nova.

Haurindo sua argumentação várias vezes nas fontes bíblicas, Vieira esforça-se por fazer dialogar a fé na palavra com a luz da razão e, na medida em que o faz, ele se distancia de uma leitura fundamentalista das Escrituras.

Voltar sobre a questão de um Reino temporal do Cristo não quer de modo algum indicar aqui uma volta às relações antigas e controvertidas entre a Igreja e o Estado. O que importa é considerar, para além dos condicionamentos socioculturais de Vieira, a real convicção teológica de sua esperança.

Pesar a utopia do Reino e da história com todas as suas mediações, os olhos fixos sobre o último, é, na construção de Vieira, o caminho necessário para compreender que ele quer mostrar a imbricação entre ambos, reservando a Deus o domínio de tudo.

Vieira resiste à tese segundo a qual o poder de Cristo se limita ao domínio espiritual. Não hesitou em marcar uma ruptura com todo pensamento que pudesse diminuir o interesse de Cristo pelo temporal. Essa ruptura instaura não a declaração que tudo é divino, mas que tudo está penetrado pelo mistério da Encarnação. Para ele Cristo se mostrou o Senhor, em todos os sentidos da palavra. Ele o expressa pelo conceito de soberania, sem por isso suprimir o temporal.

A reflexão, a posição e a ação política de Vieira possivelmente não são uma ingerência indesejável nos negócios temporais, mas uma consequência natural de sua opção cristã.

A trajetória da História do Futuro converge para isto: é Deus o futuro do homem. E este futuro não tira o homem de seu mundo, mas o faz nele imergir com o sentido aguçado que neste mesmo mundo acontece o último. A relativização operada por Vieira diante deste “último” expressa, certamente, o coração da esperança, mas também uma crítica rigorosa de toda tentativa de eternização do provisório.

O projeto de Vieira busca dar as razões de sua esperança e comporta uma teologia que não está isenta de ambiguidades.

Tendo somente em Deus seu fundamento último, o homem se afirma como um ser de esperança. Esperança que, pela força do Espírito, faz novas todas as coisas, trabalha o homem e o prepara, por sua vez, a dar conta

de sua esperança. Dar conta da própria esperança em um mundo cada vez mais pensado na imanência e na imediatidade é também semear. O semeador saiu a semear...

A “concordância entre a obra humana, o pensamento e a palavra deste jesuíta” (BUESCU, 1992, p. 199) poderá ser inspiradora.

Referências bibliográficas

- BALTHASAR, Hans Urs von. *De l'intégration: Aspects d'une théologie de l'histoire*. Bruges: Desclée de Brouwer, 1970.
- BEAUCHAMP, Paul. *L'un et l'autre Testament: essai de lecture*, Paris: Seuil, 1976, t. I.
- BOSI, Alfredo. *De Profecia e Inquisição*, 2. ed., Brasília: Senado Federal, Coleção “Brasil 500 anos”, 2001, p. XII.
- BUESCU, Maria Leonor C. *Literatura Portuguesa Clássica*. Lisboa: Universidade Aberta, 1992.
- CIDADE, Hernani. *Lições de cultura e literatura portuguesa: Séculos XV, XVI, XVII*. Coimbra: Coimbra Editora, 1959, v. I.
- KASPER, Walter. *Jésus, le Christ*. Paris: Cerf, 1976. “Cogitatio Fidei”, n. 88.
- MOLTMANN, Jurgen. *Théologie de l'Espérance*. 3. ed. Paris: Cerf-Mame, 1978. “Cogitatio Fidei”, nº 88 .
- NORONHA, José de. *Para uma leitura de Santo Antônio aos Peixes, do Padre Antônio Vieira*. Lisboa: Presença, 1998, (Textos de apoio n. 80).
- VIEIRA, Antônio. *História do Futuro* (Livro Antepimeiro), Edição crítica prefaciada e comentada por José Van den Besselaar, Münster: Aschendorff, 1976, v. 1.
- VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2. ed., 1992.
- VIEIRA, Antônio. *Sermões*, prefaciado e revisto pelo Rev. Pe. Gonçalves Alves, Porto, Lello&Irmão Editores, 1951, v. 1, 3, 7, 11.
- VIEIRA Antônio. *As cartas do Padre Antônio Vieira*, (coordenação e notas de J. L Azevedo), (Biblioteca de Escritores Portugueses, série C), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, v. 1.
- XHAUFFLAIRE, Marcel. *La théologie politique*, Paris: Cerf. Cogitatio Fidei. n. 88.

Maria A. R. Abrão é Irmã de Santo André. Professora de Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. É graduada em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Belo Horizonte. Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Belo Horizonte, com a dissertação: Teologia e Experiência espiritual no pensamento de Hans Urs von Balthasar. “As relações entre Teologia e espiritualidade na perspectiva de ‘Só o amor é digno de fé’”. Doutora em Teologia pelo Centre Sèvres, Facultés Jésumes de Paris, França, com a tese “Mystique et politique chez Antônio Vieira”. Publicou em 2012 pelas ed. Loyola: “Lembra-te do futuro: a Teologia de Antônio Vieira à luz da História do Futuro”

Endereço: Rua do Príncipe, 526
Boa Vista
50050-900 Recife – PE